



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhoba-Lisboa • Telefone 5339 O.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

MONARQUIA E REPÚBLICA

De há muito que a república vem dando indícios de se inclinar mais facilmente para as forças monárquicas e cléricais que combatem do que para os elementos avançados que elogiou e de que se tem servido, na hora do perigo, para se manter.

Poderá ser estranho para muitos este facto absolutamente natural. A todo o instante verificamos esta ligação, espécie de solidariedade, entre republicanos, monárquicos e católicos. As divergências que, por vezes, entre eles se apresentam são superficiais, resultado de invejas porque uns estão comendo mais do que outros, porque uns estão de posse do penacho e outros não. Os republicanos combatem os monárquicos, exactamente como os vários partidos republicanos se combatem uns aos outros. O ódio que divide os diversos partidos políticos da república é o mesmo que divide republicanos e monárquicos. Assim como esses partidos se nmem, em certos casos, para salvar a república, das arremetidas monárquicas, também esses mesmos partidos se hão de unir aos monárquicos para salver a sociedade capitalista que a todos eles sustenta.

E' um fenômeno natural. Nos ataques ao proletariado, não se distinguem os monárquicos dos republicanos. Todos eles defendem a desigualdade económica, base do seu predomínio.

O operário vive tam num monarquia, republicano, socialista ou anarquista, que será sempre escravo, sempre dependente da superioridade económica do rico, do proprietário.

Não é, pois, para admirar que um governo republicano ajude o capitalista monárquico contra os combates dos trabalhadores, assim como não é estranho também que os trabalhadores de vários credos políticos combatam os seus próprios correligionários ricos. Os patrões monárquicos e republicanos só vêem no operário o inimigo que lhes pode destruir o bem-estar, a situação privilegiada, e os operários só vêem, por vezes, no capitalista o indivíduo que lhes rouba o bem-estar económico, que lhes nega um pedago de pão.

O melhor exemplo do que afirmamos está na greve dos trabalhadores de imprensa: As empresas de opiniões heterogéneas coligidas contra os trabalhadores de ideias heterogéneas. Como se explica a união dos trabadores de

imprensa e também a união das empresas jornalísticas? Facilmente: é que não há luta política, propriamente dita; há, sim, luta económica. Há apenas uma grande questão—a económica.

Esta questão é que pode gerar situações políticas novas. Ela formará duas facções políticas distintas, originárias dois campos apena: dum lado a legião enorme dos assalariados; do outro a dos capitalistas.

A medida que a questão económica se for agravando, mais se apagarão dos espíritos as palavras monárquico, republicano ou integralista, para darem lugar à palavra conservador, que corresponde melhor à verdadeira situação. Os trabalhadores, aguinhados pela fome, pelas necessidades, rão, por sua vez, esquecendo os princípios políticos que porventura professassem. Quererão acabar com o reinado do roubo legal, da superioridade económica do meia dúzia. Este estado do espírito criará um novo sistema político, que se baseará no socialismo monárquico, também esses mesmos partidos se hão de unir aos monárquicos para salver a sociedade capitalista que a todos eles sustenta.

E' natural que os republicanos vao recuar e se vão tornando conservadores à medida que a propriedade individual perigue. E que os trabalhadores vão avançando, buscando formas mais avançadas, à medida que a propriedade se consolide. O regime em que a propriedade privada encontra melhor apoio é aquela onde as liberdades dos que trabalham são mais ameaçadas—é no sistema monárquico. E' naturalíssimo, pois, que conforme os trabalhadores se encaminhem para o comunismo os capitalistas se voltem para a monarquia.

Não importa o título que se dá ao sistema político em que vivemos; importam sim os processos de governação. Assim, dentro da república podem-se usar processos absolutamente monárquicos, como numa monarquia se pode governar por fórmulas democráticas. A França é mais monárquica do que a Inglaterra, embora isto pareça um paradoxo. Mas não fazemos paradoxos. Mostramos simplesmente que a grande questão que agita o mundo inteiro não é a política, mas a económica. Monarquia e república confundem-se desde que os trabalhadores se encontram incomunicável e privado de todo o conforto.

Uma comissão composta de ferroviários e de elementos da comissão Pró-presos, acompanhada do advogado do conselho jurídico, procurou ontem os presidentes do ministério afim de reclamar a liberdade não só de Alfredo Pinto e Francisco Fernandes mas ainda de vários outros trabalhadores que, embora abrangidos pela amnistia, se encontram ainda nas cedências da República. Não conseguiu a comissão avistar-se com o presidente do ministério, ficando marcada uma audiência para hoje, às 14 horas.

A GREVE DOS Trabalhadores dos jornais

A solidariedade da classe operária

Da Associação de Classe do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste recebeu o tesoureiro da comissão executiva a importância de 150\$000, para auxílio dos trabalhadores dos jornais em greve.

Os ferroviários do Sul e Sueste, que ainda há pouco saíram dum luta de 70 dias na qual foram esgotados todos os seus recursos, além de outros encargos que estão amortizando, demonstram assim, apesar das reconhecidamente difíceis, a sua solidariedade nunca desmentida.

Também a Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante votou com o mesmo fim, a quantia de 20\$000, que igualmente foi entregue ao tesoureiro da comissão executiva.

O Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa fez chegar à mão do mesmo representante da comissão a quantia de 30\$000, declarando não poder neste momento elevar aquela verba por virtude das despesas que vem de fazer com o congresso.

Devido à greve dos operários manipuladores de pão vindo notas para a imprensa indicando que está assurgido o fornecimento de pão à fôda a cidade, pois que a Manutenção Militar dispõe dos meios necessários a satisfazer as necessidades do público consumidor.

Sucede, porém, que o pão faltava, apesar de se pretender fazer crer o contrário, e se algum aparece à venda, só a muito custo se consegue obter, com agravante de ser mal fabricado e a diferença no peso ser espantosa, aparecendo pães com 135 gramas que são vendidos como se tivessem o peso de 250.

As bichas notam-se por toda a cidade assim como sobre a forma da sua distribuição, comunicam-nos do comissário geral dos abastecimentos que o respectivo comitê não foi ouvido nem consultado, motivo porque não pode assentar-se com justezas qualquer parcela de responsabilidade na forma como a exploração possa dar lucros furtos a Lechat.

Recomenda a máxima união, não devendo os grevistas retomar o trabalho sem que o comitê o ordene.

A comissão de démarches dos manipuladores de pão em greve enviou-nos a seguinte nota:

Reuniram os grevistas em assembleias maiores que descreveram no meio da maior entusiasmo a moção de movimento e a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando encerrar a sede,

que depois, ante a resistência da classe, e de se convencer da sua sem razão, mandou reabrir.

As guardas saiam com os sacos cheios, como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

como nos informaram várias pessoas.

Sobre o fornecimento de pão à cida-

de assim como sobre a forma da sua

distribuição, comunicam-nos do comis-

sário geral dos abastecimentos que o

respectivo comitê não foi ouvi-

do nem consultado, motivo porque

não pode assentar-se com justezas quaisquer parcela de responsabilidade na

forma como tais serviços tem sido fei-

tos.

As guardas saiam com os sacos cheios,

(11)

O COMUNISMO NOS TRIBUNAIS

O julgamento dos dez

Uma tentativa da reacção francesa miseravelmente falida

Estes três elementos constituiram nôs a obrigarmos a sair, pois se não trata do vulgar *complot* contra a segurança do Estado mas do tradicional processo de opinião. Os senhores tem que procurar outros textos da lei para nos apelarem aqui.

Boris Souvarine

Souvarine é convidado a responder por uns curtos recortes de artigos que publicaria no *Bulletin Communiste*. Boris, insurge-se contra tais processos:

Não percebo nada do que aqui se vem passando há três dias, como também não tenho percepção do que se passa há dez meses. Estou à espera de saber o que é que sou acusado. O senhor leme umas tantas linhas entre as centenas de milhares que eu tenho escrito, porque eu escrevo muito, embora não fale. Nunca fui perseguido pelos meus amigos. Nunca os consideraram como delituosos. Espero apenas que, depois de ter pedido dez vezes, me dê

gam de que sou acusado. Durante meses preguei isto ao sr. Joussetin, Juiz de Instrução. Preguei-lhe porque intuitivo tinha sido próspero após a greve dos ferroviários, com a qual eu nada tinha que ver. Tratei do assunto por uma única vez, com o artigo que escrevi antes da minha prisão para o *Bulletin Communiste*. Nesse artigo combatia a nacionalização dos caminhos de ferro.

Não tinha voto deliberativo entre os ferroviários, mas, como jornalista, assisti-me o direito de comentar qualquer acontecimento e, no *Bulletin Communiste*, declarei-me contrário à nacionalização dos caminhos de ferro, e combatia a ideia dumha greve para a nacionalização. Quinze dias depois, eis que me prendem no seguimento da greve. Não sabia porquê — os camaradas que encontrei na Santé não estavam mais adiantados. Durante muito tempo, entreguei-me a suposições. Quando fomos à presença do juiz de instrução preguntámos-lhe de que éramos acusados? nunca o pudemos saber. O sr. Joussetin disse-me que conduzia o processo como melhor lhe parecia.

Segundo o que pude perceber, o sr. Joussetin acusava o comité da III International de ter provocado, por ordem de Moscovo, a greve ferroviária, levando-se de um ou dois camaradas ferroviários, Sigrand e Monmousseau. Havia seis meses que eu não via Monmousseau. Quando fomos finalmente a apresentar-nos ao juiz de instrução, ele apreendeu o livro *nenhum pântano faltava*. Quando se tratou de inscrever o processo, o livro foi encontrado intacto. Apurados estes factos, o juiz

acusados de "ter fomentado um movimento revolucionário". Classifica-se de revolucionário um movimento em favor da nacionalização dos caminhos de ferro, reivindicação que há muito tempo faz parte do programa radical. Esta é a base da acusação. Sem isso não haveria prisões.

Chegamos à presença dos srs. jurados e vemos que se trata de coisa completamente diferente. Com grande surpresa, diz-nos o sr. juiz e o delegado do ministério público que a greve é apenas um incidente insignificante.

Declaro terminantemente não compreender nenhuma das coisas que se passa aqui, embora o sr. juiz tivesse declarado ontem que eu era dumha inteligência notável. On temento estou a compreender demais. E' nos interdito pensar a exprimir o nosso pensamento. Se assim é, desejaria que se resolvessem a dizer-nos, como o sr. Joussetin disse a um dos nossos defensores: "O que era preciso era uma nova lei contra o comunismo".

A greve de Maio

Monmousseau, interrogado sobre a sua posição, prefere esclarecer primeiramente o seu papel no comité da III International. O livro de artigos apreendido em casa de Loriot pode contribuir para esse esclarecimento.

O juiz explica que faltam páginas nesse livro. Loriot desmente com vivacidade esta afirmação do juiz. Quando lhe apresenta o livro *nenhum pântano faltava*. Quando se tratou de inscrever o processo, o livro foi encontrado intacto. Apurados estes factos, o juiz

passa aos relatórios da polícia respeitantes aos discursos de Monmousseau.

Monmousseau pede que o ponham em presença dos autores desses discursos policiacos. E' claro que lhes não satisfazem o desejo, chegando-se finalmente às greves de Maio. O sr. Drioux comece por enterrarse a respeito dumha brochura de Jean Bréot, prefaciada por Pièrre Lémont, opondo estes dois camaradas a Monnousseau. A assistência diverte-se a respeito dos postos a votação. Lançam-se portanto mão do nome de dois homens, que tinham discutido no Congresso e representavam as duas tendências do sindicalismo: Guillez, a tendência majoritária; Monmousseau, a tendência minoritária. Resolve-se a votação incidiendo sobre estes nomes, para maior claridade. A moção Monmousseau não foi defendida por este; fui Totti quem a justificou. O nome de Monmousseau corre o de Guillez gravava apenas como uma indicação.

Procede-se à leitura da moção do Japão e Monmousseau salienta que as partes incriminadas desse documento exactamente as que foram votadas em 1906, no Congresso Confederal de Amiens, e tornadas a votar em 1919, no Congresso de Lille, por todos os delegados maioritários e minoritários.

O processo do sindicalismo

Monmousseau prossegue: — A moção Monmousseau foi discutida durante dois dias no Congresso de Abril de 1920. Achávamo-nos perante uma violação do direito sindical. Ha-

qui a paternidade, altivamente. A moção traz o meu nome, é evidente. Mas é que se tinham apresentado no Congresso duas moções, correspondendo respectivamente à tendência maioritária e à tendência minoritária. Era preciso caracterizar estes dois documentos, ou alguma coisa que fosse diferente, de maneira que os delegados compreendessem, o mais claramente possível, as intenções dos documentos postos à votação. Lançam-se portanto mão do nome de dois homens, que tinham discutido no Congresso e representavam as duas tendências do sindicalismo: Guillez, a tendência majoritária; Monmousseau, a tendência minoritária. Resolve-se a votação incidiendo sobre estes nomes, para maior claridade. A moção Monmousseau não foi defendida por este; fui Totti quem a justificou. O nome de Monmousseau corre o de Guillez gravava apenas como uma indicação.

Procede-se à leitura da moção do Japão e Monmousseau salienta que as partes incriminadas desse documento exactamente as que foram votadas em 1906, no Congresso Confederal de Amiens, e tornadas a votar em 1919, no Congresso de Lille, por todos os delegados maioritários e minoritários.

(Continua)

No Teatro de S. Bento

Câmara dos deputados

Ainda a questão dos abastecimentos — Fala-se na greve dos trabalhadores :: : : da imprensa :: :

A's 15,30 há na sala um reduzido número de deputados, tanto reduzido que o sr. Abilio Marçal, ocupando o seu lugar de presidente, notando tan limitadíssimo número de pais da pátria não se atreve a declarar reabertura a sessão.

O assumo a tratar é o que respeita ao projeto de lei requerendo, pela passata da agricultura, larguissimas autorizações para a resolução do problema económico.

Os minutos desaparecem. No hemicílio não se dá por isso. Conversa-se com entusiasmo e fuma-se, com vontade e apetite.

O sr. Bernardino Machado (ministro da agricultura) prima pela sua ausência. A sessão não pode realizar-se sem a presença de s. ex.

A's 15,55, o sr. presidente declara, então, reabertura a sessão. Já está no seu lugar o sr. Bernardino Machado (presidente do governo, ministro do interior e da agricultura). Os restantes membros do governo estão representados pelos respectivos... faleceu.

O sr. Aboim Inglês ataca, mais uma vez, o projeto que pretende dar-las autorizações ao governo para medidas de fomento.

Lamenta que o sr. Bernardino Machado não quisesse ter tomado a responsabilidade de declarar se estava ou não ao lado do comissariado nas prestações que ele tem praticado.

O sr. Bernardino Machado: — Eu tenho dito que sou contrário ao actual regime...

O orador: — Isso não basta. É necessário falar concretamente — isto para evitar que haja retrairo na preparação dos alquimes. A continuar o regime de perseguições, que se tem seguido, não temos semelhanças no proximo ano.

As irregularidades não serão de responsabilidade do comissariado, mas, sim, da péssima organização dos serviços das subsistências.

O sr. Bernardino Machado declarou ter nomeado uma grande comissão para estudar a forma de se regressar ao regime antes da guerra. É agora o momento de s. ex. trazer ao parlamento as medidas que pensa promulgar, chamando a atenção dos parlamentares e tomando em consideração os seus alvinegros e suas opiniões. Terminando pregunta se s. ex. é contrário ao pedido de autorizações, qual a razão que o leva a requerer à câmara ampliações ao seu projeto?

O sr. António Granjo inicia o seu discurso enviando para a meza a seguinte moção:

A Câmara, reconhecendo a necessidade de regurgitar o sistema económico existente, quer à guerra e a necessidade de elevar no máximo a produção nacional, manifesta ao governo os seus desejos de que seja restabelecida gradualmente a liberdade de comércio, da qual se deve fazer plena execução aos decretos que já promulgaram a nível da lavoura nacional, e os que se fizeram, de que seja estabelecido para o trigo nacional o preço mundial e de que sejam tomadas as medidas convenientes para a existência dos prejuízos que o Estado sofre com o fornecimento do trigo português, acabando-se com o preço artificial do pão.

O orador diz que, na preterida sessão, se fizeram alusões às medidas que ele tomou quando sobrou a pasta de ministro da agricultura e, em especial, na parte respeitante à criação do comissariado dos abastecimentos. Quando criou o comissariado por necessidade, não quis perpetuar o sistema de coações. Reconhece, no entanto, que as subsistências tiveram de ser sujeitas a restrições. O tabelamento só poderia aprofundar aos assucaradores e especuladores. Com essa restrição é impossível regularizar o mercado.

O problema das subsistências — dizes mais um problema de produção. Alude ao decreto relativo ao aproveitamento dos bídios e às perdas que o Estado sofre com as aquisições do trigo exótico e entende que se deve acabar com o regime de favoritismo as classes privilegiadas. Chamou-se ladro e especulador ao lavrador, por razões que não podem subsistir, mas que se pretendem justificar. Preferiu-se comprar com oiro o trigo exótico e entrou-se no regime de coações.

O sr. Augusto Dias da Silva, socialista, pronuncia um discurso em que ataca energicamente o projeto das autorizações, declarando que há republicanos que se igualam às elites monárquicas (Risos). O seu discurso é entrecortado com inúmeros apartes, principalmente quando afirma que os nossos ministros "nem asinhas sabem fazer", ram-se vários discursos, sendo ovacionados os oradores. — Rádio.

Eden-Theatro

S. T. L.
Emp. Hen. Barreiros Ltd.

HOJE

A MELHOR DAS REVISTAS
A MAIS POPULARIZADA
A MAIS QUERIDA DE

TODAS AS NOITES
Fados e canções

PAZ ARMADA

AMANHA, 14 — Récita dos autores Fernando Ferreira e António Torres.

OS SENHORIOS EM SCENA

Uma exigência tórrida

Cerca de duzentas famílias que vão ser sacrificadas?

Não se passa um único dia em que os senhorios não pratiquem uma injustiça. As vítimas não têm conta. Alguns casos são-nos relatados aquela na redacção. Mais quantas e quantas infâncias se não praticarão sem que delas tenhamos conhecimento?

Mais um caso revoltante, mas uma exigência desmedida!

Acabam de nos informar que o actual proprietário do bairro operário, na Graça, exigiu dos inquilinos um aumento de cerca de 250.000. São isto.

Os inquilinos encontram-se indignados e pouco dispostos a satisfazer os tórridos desejos do senhorio.

Daqui os aconselhamos a resistir tecnicamente. E' demais! Não se pode admitir por mais tempo este desafio, esta ganância sem limites.

Segundo a lei em vigor, o senhorio não pode exigir tal aumento. No entanto, os senhorios, conservadores geralmente legalistas, não se importam de desrespeitar as leis, principalmente quando elas não são favoráveis às suas extorsões.

Esta exigência vai afectar cerca de duzentas famílias. E' o sacrifício de algumas centenas de pessoas que se exige para aumentar talvez a fortuna dum qualquer magnate!

Universidade Livre

Uma série de conferências

No próximo domingo, 17, pelas 21 horas, inicia nesta colectividade uma série de conferências o ilustre professor dr. sr. Agostinho Fortes, subordinado ao tema: "O problema da miséria através da história. O socialismo empírico e o socialismo científico".

Dada a competência do distinto professor sobre assuntos referentes às ciências sociais, são aguardadas com muita ansiedade estas conferências de carácter educativo.

PROEZAS DA GUARDA

UMA AGRESSÃO BRUTAL

O operário Arnaldo Eugénio meteu-se ontem, por volta das 22 horas, numa habitação que se formou junto à padaria situada frente ao quartel desapadores dos caminhos de ferro, onde um avultado número de mulheres enfileirava já. Dirigindo-se a estas, Arnaldo Eugénio estranhou que se sujeitasse aquela longa espera, deixando em casa os filhos ao abandono. Tanto bastou para que um indivíduo que pertava e supõe pertencesse à polícia da Segurança do Estado, o insepessible, se aproximasse e, parece que por indicação do paisano, começasse a agredir brutalmente o operário Arnaldo. Houve um preparativo obrigado a botada. Depois, os selvagens, metendo a sua vítima entre as montadas, cometeram com os sabres a nojenta proeza. Arnaldo Eugénio, que esteve nessa redação, queixa-se de dores por todo o corpo, particularmente no ombro esquerdo, consequência das sabidas que lhe prodigalizaram, e apresenta na face o vestigio dum golpe que por pouco, lhe a vasando um olho.

Registamos simplesmente o facto. Protestos, destes feitos aqui no papel, não servem de nada.

Manifestação à memória de João Barbosa

A comissão que promove a manifestação de homenagem póstuma ao falecido militante do caixearito João Barbosa, convida os camaradas que fazem parte da mesma comissão a comparecer amanhã, pelas 21 horas, na Associação de Classe: dos Empregados de Escritório.

Encontrado-se na apreciação deste movimento, foi verificado o procedimento do governo para com estes camaradas, pois que apesar de cumprir com o que preceitua a lei sobre greve, foi encerrada a sede onde se efectuavam as reuniões, depois de uma espalhafata e teatral exibição da polícia de Segurança do Estado, procedimento este que é atentatório das liberdades do reunião de Associação.

Tratou-se também da reorganização dos sindicatos do pessoal do Municipio e Condutores de Carruagens, ficando estes assentos para serem tratados na reunião do Conselho de Delegados, que reuniu amanhã, pelas 20 horas.

EM ESPANHA

Atentados em Barcelona

MADRID, 12.—O ministro do interior disse que havia a lamentar quatro atentados praticados no sábado último em Barcelona.

Há tranquilidade nas restantes províncias. — Rádio.

Ainda a morte de Dato

MADRID, 12.—No teatro da Comédia de Madrid celebrou-se o comício organizado pelas juventudes monárquicas (Risos). O seu discurso é entrecortado com inúmeros apartes, principalmente quando afirma que os nossos ministros "nem asinhas sabem fazer", ram-se vários discursos, sendo ovacionados os oradores. — Rádio.

Propaganda anti-alcoólica

Reuniu a comissão organizadora da Associação Anti-Alcoólica Operária, que entre outros assuntos resolveu: promover uma sessão anti-alcoólica para mulheres, realizar a 20 de abril a 1 de Maio, uma semana de conferências nas Federações Operárias da capital; imprimir um cartaz de propaganda para fixar profusamente e por em prática todos os meios tendentes a obter a inscrição rápida de 1.000 camaradas, os quais seriam considerados sócios fundadores.

Um achado

Foi encontrada uma chave na Avenida da Liberdade, que foi depositada nesta redacção. Enregada-lhe temos a quem provar pertencer-lhe.

Propaganda anti-alcoólica

Reuniu a comissão organizadora da Associação Anti-Alcoólica Operária, que entre outros assuntos resolveu: promover uma sessão anti-alcoólica para mulheres, realizar a 20 de abril a 1 de Maio, uma semana de conferências nas Federações Operárias da capital; imprimir um cartaz de propaganda para fixar profusamente e por em prática todos os meios tendentes a obter a inscrição rápida de 1.000 camaradas, os quais seriam considerados sócios fundadores.

Um achado

Foi encontrada uma chave na Avenida da Liberdade, que foi depositada nesta redacção. Enregada-lhe temos a quem provar pertencer-lhe.

Propaganda anti-alcoólica

Reuniu a comissão organizadora da Associação Anti-Alcoólica Operária, que entre outros assuntos resolveu: promover uma sessão anti-alcoólica para mulheres, realizar a 20 de abril a 1 de Maio, uma semana de conferências nas Federações Operárias da capital; imprimir um cartaz de propaganda para fixar profusamente e por em prática todos os meios tendentes a obter a inscrição rápida de 1.000 camaradas, os quais seriam considerados sócios fundadores.